



*Teus estatutos, quero observá-los;
não me deixes, Senhor, desamparado!*

Salmo 119,8

Segundo a tradição judaica, um menino que tenha perdido o pai deve assumir mais cedo suas responsabilidades. Assim, aos doze anos, fiz meu bar mitzvá.

A data assinalava minha entrada no mundo adulto; seria, agora, o homem da casa. Mas que casa? Nosso lar morrera junto com eles, no acidente, quatro anos antes. Desde então, coubera à tia Samara cuidar de mim. Nunca foi desfeita em carinhos, mas sempre atenciosa, e de nada mais eu precisava. No vazio daqueles dias, qualquer beijo, qualquer afago poderia ser visto como ousadia sem fim – ocupar o lugar deles? Jamais. Às vezes, o juízo de Deus pode ser bem mais leve do que o de um menino de oito anos. Ela, porém, era a imagem mais jovem de minha mãe, e, embora em momento algum o tenha dito, isso me confortava. Nossa casa e o apartamento onde tia Samara morava foram vendidos, e, então, ela e eu nos mudamos para o bairro que, na cidade, era chamado afetuosamente de gueto pelos próprios habitantes. E fazia jus ao apelido. No prédio onde fomos viver, quase em frente à sinagoga, todos os moradores eram judeus. Não sei se era essa a intenção da tia, mas, pouco a pouco, eu, acostumado com uma família de três pessoas, fui me percebendo parte de outra muito maior. Nas ruas, nas lojinhas da vizinhança e, sobretudo, na sinagoga, pessoas das quais não me recordava vinham falar conosco e a mim diziam: conheci teus pais, teus avós também, estive até na tua cerimônia de brit milá. Se, por um lado, saber que alguém desconhecido assistira à minha circun-

cisão era um tanto constrangedor, por outro, despertava em mim a suspeita de que, afinal, eu talvez não estivesse tão só. Contudo, pelo menos em casa, éramos apenas nós dois, até tia Samara conseguir emprego em uma universidade do interior. Encorajada não só por mim, mas por todos os amigos e vizinhos, mudou-se para essa cidade. Eu mesmo disse: não precisas te preocupar, já fizeste muito por mim, e eu quero ficar aqui; o apartamento é pequeno, temos a empregada que vem três vezes por semana, não tenho de andar mais do que duas quadras para ir ao mercado ou à sinagoga, e o ônibus da escola vem todos os dias me pegar, ficarei bem. E assim foi. Eu tinha onze anos. Das contas, nem tomava conhecimento, eram todas pagas pela tia, dinheiro não era problema. Na maioria das vezes, nem mesmo compras eu precisava fazer. Todos sabiam que eu estava morando sozinho e cuidavam para que nada me faltasse. Tornou-se hábito deixar a porta do apartamento aberta; assim, os vizinhos podiam sempre entrar e ver se tudo estava em ordem. Muitas vezes, ao chegar da rua, deparava com a louça do almoço já lavada sobre a pia ou com a mesa coberta de sacolas de compras.

Era estranho ser declarado, agora, o homem da casa. Somente agora. O rabino Levi sorriu: às vezes, a lei da vida fala mais alto do que a lei escrita de Deus. É estranho mesmo, continuei, apesar de já ter essa responsabilidade, meu coração está pulando aqui. Bobagem, o nervosismo é comum, mas tu conheces a liturgia melhor do que eu; eu é que deveria estar nervoso, com medo de passar vexame do teu lado. Rimos juntos; ele, divertindo-se com a própria piada, e eu, tentando acreditar nela.

Lá fora, por trás dos prédios acinzentados, o sol se dissolvia, e as primeiras estrelas irrompiam aqui e ali, anunciando o shabat. Che-

gada a hora, como manda o costume, envolvi-me no talit, o xale de orações, presente recebido naquela mesma manhã, na porta de casa. Junto, um cartão de tia Samara. Do infinito, eles nos veem e estão orgulhosos de ti. Era o talit de meu pai.

Na entrada, o costureiro cartaz de anúncios pela primeira vez me inquietou. Bar mitzvá de Daniel Lipman, dizia. Muita gente ao redor, olhares conhecidos, cumprimentos, shabat shalom, e eu, suspenso no vazio. Aqueles passos não eram meus, o sangue que sentia latejar nas têmporas não me pertencia. De quem, então?

Ao subir os degraus da bimá, olhei ao redor. Todas as cadeiras ocupadas. Muitas pessoas que não vinham com frequência ao ofício estavam ali: alguns vizinhos, o diretor do colégio, professores, colegas com suas famílias. E o Pedro.

Quase desmoronei. Sozinho. Nem a tia poderia vir. Nunca antes tão sozinho.

Foi quando lembrei os princípios de fé que iria recitar ao final da cerimônia. Deus existe, mas Sua existência não é limitada pelo tempo. Ele é Um, e a Sua unidade é inigualável e infinita. Ele não tem forma, é incorpóreo, e nada pode ser comparado a Ele. Ele existia antes que fosse criada alguma coisa. Ele é o primeiro, e nenhum outro O precedeu. Os mortos, Deus, na Sua grande misericórdia, os fará reviver.

Sempre Ele em meus pensamentos. Esse ser único e solitário em sua grandeza e perenidade, rocha de todos os homens. Como poderia eu me sentir só quando a Sua solidão é, essa sim, de fato, absoluta e eterna? Como poderia me entristecer sabendo que Ele não nos esquece e a todos trará de volta à vida? Essa crença, as orações que meus lábios se abriam para entoar, os símbolos que me cercavam naquele momento, eu via, eram partes do laço que une gerações umas

às outras, selando minha existência no pacto irrevogável de nascimentos e mortes, buscas e elevações.

Cantei com fôlego o meu louvor. Conduzi a cerimônia com a voz, com o espírito, com a pele. Aproximava-se a hora do kidush. Erguer a taça de vinho, abençoá-la e fazer o brinde à vida. Então, uma lágrima sem pressa, redonda e contida, pingou-me dentro do peito e, por pouco, não rolou pelas faces. Era nessa oportunidade que a família costumava subir à bimá, abraçar o novo filho do mandamento e, com ele, fazer a prece. As palavras saíam trêmulas de minha boca, cada vez mais lentas, não queria acabar, precisava prolongar o instante na esperança de um milagre.

Milagre não houve, mas algo melhor. A vida, em sua simplicidade, sem pães caindo de céu ou mares se abrindo, tratou de me surpreender. O rabino Levi se aproximou, pousando o braço sobre meus ombros, e, quase simultâneo, uma de minhas professoras levantou-se e subiu à bimá, seguida por outros. Em alguns segundos, eu estava cercado de pessoas e vozes que, comigo, exclamavam lechaim, à vida, antes de um soluço calar-me enfim e abrir-me ao pranto, a alma desnuda perante os sentidos.

Nunca a bimá de nossa sinagoga foi tão pequena.

O deserto – inércia e silêncio de onde tudo emana.

Assim pensou o Profeta ao se aproximar da cidade.

Ele mesmo era um deserto de pele seca e barbas de branca aridez, diluindo-se no monocromatismo da areia ao redor. Mais invisível do que sua figura na paisagem era o desígnio que lhe animava os passos.

Vieram os anciãos, trêmulos, ao seu encontro.

Será bom sinal a tua vinda?

Sim, vim para sacrificar a Javé. Purificai-vos e vinde comigo ao sacrifício.

Seguiu-o o homem a quem o Eterno lhe ordenara buscar,

o Pai de oito filhos.

Dentre eles, apenas

Um,

o único a ser ungido, único como o próprio Senhor.

O Profeta tentou sufocar o medo – se o Rei soubesse da sua missão, haveria, de fato, um sacrifício: o de sua própria carne.

Traze-me teus filhos, disse ao Pai.

O primeiro, alto e digno, muito o impressionou.

E a voz de tempestade falou ao Profeta:

*Não te impressiones com sua aparência nem com sua estatura, pois
este eu excluí.*

Não é como os homens que Deus vê, pois o homem vê a aparência;

Javé, porém, vê o coração!

O segundo passou diante do Profeta.

Não é este também que Javé escolheu.

O terceiro.

Não é este também que Javé escolheu.

E passaram os filhos um a um, sem que a glória se corporificasse.

Acabaram-se os teus filhos?, indagou o Profeta.

Resta o mais novo, que está a vigiar as ovelhas, respondeu o Pai.

Tão logo chegou o caçula à sua presença,

corado, belos olhos, formosa aparência,

explodiu-lhe no crânio a majestade da revelação:

ali estava o novo rei.

Tomando o frasco de chifre que com zelo carregara por toda a viagem, como se o desígnio divino ali jazesse liquefeito, ungiu o escolhido no meio dos seus irmãos.

E, com a bênção do óleo, abençoou-o também com as lágrimas que de seus olhos verteram ao sentir que, mais uma vez, o Eterno operava através de suas mãos de rugas imprecisas.

E, daquele dia em diante, o espírito de Javé se apoderou de Davi.

O espírito da criação.

O infinito.